

***Evidências de precisão e validade do Questionário sobre
Comportamentos Juvenis (QCJ)***

Reliability and validity of Questionário sobre Comportamentos Juvenis (QCJ)

André Vilela Komatsu

Doutor em Psicologia, investigador do Núcleo de Estudos da Violência (NEV) e Professor Colaborador da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil
avk@usp.br

Rafaelle C. S. Costa

Mestre em Ciências pelo Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (FFCLRP – USP), Ribeirão Preto, SP, Brasil
rafaelle.costa@usp.br

Felipe Soares Salgado

Doutor em Psicologia e Professor do Departamento de Psicologia da Universidade de Franca (UNIFRAN), Franca, SP, Brasil
fellipe.salgado@yahoo.com

Marina Rezende Bazon

Doutora em Psicologia e Professora Associada do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (FFCLRP – USP), Ribeirão Preto, SP, Brasil
mrbazon@fflcrp.usp.br

Resumo

Este estudo verificou as propriedades psicométricas do Questionário sobre Comportamentos Juvenis (QCJ) um instrumento que caracteriza comportamentos antissociais dos jovens e mensura variáveis de risco e de proteção associadas. As análises foram realizadas a partir de uma amostra de 836 estudantes do sexo masculino (11 e 18 anos; $M = 14,4$; $DP = 2,1$). Os alfas de Cronbach variaram de 0,23 a 0,89 e as correlações intradomínio foram significativas em 81% dos casos, com coeficientes variando de 0,10 a 0,54. As correlações entre as escalas e os Comportamentos Externalizantes foram significativas em 62% dos casos, variando de 0,10 a 0,43. O QCJ mostra-se válido para rastrear problemas sociais, relacionais e comportamentais na população adolescente.

Palavras-chave: Comportamento Antissocial; Fatores de Risco; Adolescência; Fatores Psicossociais

Abstract

This study verified the psychometric properties of *Questionário sobre Comportamentos Juvenis (QCJ; in English, Questionnaire on Youth Behaviors)* tool that characterizes antisocial behaviors of young people and measures risk and protection variables related. The analyses were made with the data of 836 male students' sample, aged 11 to 18 ($M = 14,4$; $SE = 2,1$). The Cronbach alphas ranged from 0.23 to 0.89 and intradomain correlations were significant in 81% of the cases, with coefficients varying from 0.10 to 0.54. The correlations between the scales and Externalizing Behaviors were significant in 62% of the cases, varying from 0.10 to 0.43. Despite some limitations, QCJ is valid for tracking social, relational and behavioral problems in the adolescent population.

Key-words: Antisocial Behavior; Risk Factors; Adolescence; Psychosocial Factors

A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano que reconhecidamente promove grandes transformações nas esferas biológica/corporal, cognitiva, psicológica/afetiva e social/relacional, fazendo com que seja também um período de grande vulnerabilidade (Sanders, 2013; Sweeten, Piquero, & Steinberg, 2013). O ganho de autonomia e a gradativa independência em relação à família, juntamente com as novas demandas sociais e relacionais específicas do período, fazem com que a adolescência seja marcada pela experimentação de novos comportamentos que resultam em maior exposição a fatores de risco para a saúde, como uso de álcool e drogas e envolvimento em comportamentos delituosos (Thompson, Flood, & Goodvin, 2006; Komatsu & Bazon, 2015).

Ainda que, para a maioria dos jovens, esses tipos de comportamentos ocorram de forma exploratória e esporádica, muitos padrões de conduta adquiridos na adolescência tendem a se manter na vida adulta, bem como suas consequências para a qualidade de vida do indivíduo (Farrington et al., 2006; Piquero, Farrington, Nagin, & Moffitt, 2010). Dessa forma, é de extrema importância que o engajamento nesse tipo de atividade seja

detectado o quanto antes, e que as funcionalidades desses comportamentos sejam compreendidas, para maximizar as chances de mudanças positivas.

A caracterização dos comportamentos juvenis, bem como dos seus determinantes, constitui uma atividade central da Psicopatologia Desenvolvimental, que visa compreender os mecanismos desenvolvimentais subjacentes ao surgimento dos problemas de saúde mental ou de comportamento (Cicchetti, 2006; Pollak, 2015). Aplicada ao estudo do fenômeno criminal, essa abordagem teórico-metodológica tem sido denominada Criminologia Desenvolvimental (Nagin & Odgers, 2010). Nesse sentido, os pesquisadores da área buscam identificar os fatores de risco/vulnerabilidade e de proteção/resiliência associados ao desenvolvimento de padrões de comportamentos infracionais – designadamente o engajamento infracional.

O estudo desses fatores permite avançar o conhecimento e o entendimento dos comportamentos antissociais e criar hipóteses sobre relações causais (*processos causais*) entre as variáveis e, com isso, aprimorar ou elaborar programas de prevenção e de intervenção mais eficazes para a população jovem no sentido de favorecer seu desenvolvimento pleno (INSPIRE, 2018). Posto isso, evidencia-se a importância em investir em instrumentos válidos e confiáveis (Hoge, 1999) que permitam rastrear problemas e dificuldades na população juvenil para subsidiar as políticas públicas direcionadas à promoção de comportamentos e estilos de vida mais saudáveis (INSPIRE, 2018).

No cenário internacional, há uma colaboração entre 35 países de todos os continentes para um estudo sobre uso de substâncias, vitimização e delinquência entre adolescentes escolares (Herlitz, Hough, McVie, & Murray, 2016). O projeto, chamado *International Self-Report Delinquency Study* (ISRD), teve início em 1990 e atualmente encontra-se na terceira onda de levantamentos. Seus principais objetivos são desenvolver métodos e instrumentos de medida capazes de captar as nuances do fenômeno criminal e dos seus múltiplos determinantes, estimar a prevalência de vitimização e delinquência entre os países e testar diferentes teorias que expliquem variações a níveis individuais e sociais. Essa iniciativa partiu da noção, por parte dos pesquisadores, de que esses levantamentos forneceriam informações sobre as tendências comportamentais dos jovens, importantes para orientar as referidas políticas na área (Junger-Tas et al., 2010).

Seguindo essa linha de estudos de levantamentos sobre e na população jovem, o projeto Observatório de Delinquência Juvenil, resultado de uma parceria entre a Escola de Criminologia da Universidade do Porto e o governo português, buscou estabelecer dados sobre a relação entre padrões específicos de comportamento divergentes e delituosos e características individuais, relacionais e sociais dos jovens (Castro, Cardoso, & Agra, 2010). Para tanto, foi desenvolvido o Questionário sobre Comportamentos Juvenis (QCJ), cuja estrutura se assemelha ao questionário utilizado no ISRD.

Este Questionário subsidia-se na Teoria do Controle Social de Hirschi (Hirschi, 1986; Laub & Costello, 2020), a qual oferece uma contribuição, baseada em dados empíricos, em relação aos correlatos da delinquência a nível individual. Portanto, de acordo com o que é pertinente a esta teoria, o instrumento explora informações sobre seis grandes dimensões. Elas se referem a (1) o adolescente: idade, escolaridade, religião, temperamento, atitudes e valores; (2) a família: status socioeconômico, número de pessoas e vínculo, investimento e supervisão parental; (3) rotina e amigos: o que faz e onde vai quando tem tempo livre e o tipo de amigos (se são pró ou antissociais); (4) escola: desempenho acadêmico, estresse escolar e valores em relação aos estudos; (5) bairro: características do bairro/vizinhança e dos vizinhos; (6) comportamentos antissociais: comportamentos divergentes (ex.: uso de álcool ou outras drogas) e delituosos (ex.: furto ou roubo).

Conforme descrito no relatório final do projeto (Castro et al., 2010), a construção da versão definitiva do QCJ envolveu atividades de revisão da literatura científica, incluindo questionários utilizados em outros países, interlocução com equipes de investigadores europeus no sentido de discutir aspectos teóricos e metodológicos e duas fases de estudos pilotos. Na primeira fase, foram realizadas aplicações individuais do questionário para verificar aspectos da adequação da linguagem utilizada nas questões e facilitar a compreensão dos sujeitos, e para adequar o design do questionário, procurando reduzir as dificuldades e erros de preenchimento. Na segunda fase, foram realizadas 3 aplicações em dois estabelecimentos de ensino para verificar questões técnicas como tempo de aplicação e testar as instruções de preenchimento e os procedimentos das aplicações.

Posteriormente, o QCJ foi utilizado por Komatsu (2014) em contexto brasileiro, fruto da proximidade entre o grupo português e o Grupo de Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento e Intervenção Psicossocial (GEPDIP) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) da Universidade de São Paulo (USP). Subsequentemente, o GEPDIP utilizou o QCJ em estudos junto a diferentes populações: adolescentes de escolas particulares (Visioli, 2017); adolescentes em conflito com a lei (Komatsu & Bazon, 2017a); e adolescentes do sexo feminino (Salgado, 2017). No contexto brasileiro, semelhante ao QCJ, dispõe-se também da Escala de Condutas Antissociais e Delitivas (Formiga & Gouveia, 2003) instrumento que se centra na obtenção de informações referentes ao plano das condutas observáveis. Pelo fato de não considerar os fatores associados a estas condutas, julga-se mais pertinente o investimento no QCJ.

Com o crescente volume de dados produzidos com o QCJ, fica evidente a importância de aferir as propriedades psicométricas para garantir a legitimidade dos resultados obtidos. A qualidade psicométrica dos instrumentos é atestada por meio da obtenção e análise de suas evidências de precisão e validade. A precisão é relevante na medida em informa sobre o erro na medição e, portanto, sobre a qualidade das inferências baseadas nos escores (Meyer, 2010). Ou seja, o raciocínio chave é de que escores devem ser precisos – confiáveis – para que se possam fazer inferências válidas. Isto remete a segunda grande propriedade psicométrica acerca de um teste e seus escores, a validade, conceito que faz referência ao grau com que a evidência empírica e a teoria apoiam a interpretação das pontuações dos testes (Taylor, 2013)

Assim, o presente estudo tem como objetivo verificar as propriedades de precisão e de validade da versão brasileira do Questionário sobre Comportamentos Juvenis (QCJ) e estabelecer parâmetros para o contexto brasileiro. A validade será investigada por meio de correlações intradomínio (das escalas de cada domínio entre si) e de correlações das escalas do QCJ com variáveis do engajamento infracional (aferidas também pelo QCJ). Com relação as correlações intradomínio, uma vez que os construtos de um domínio são subjacentes ao mesmo traço latente, espera-se que eles tenham correlação significativa entre si. Com relação as correlações entre as escalas dos domínios do QCJ e variáveis que aferem o engajamento infracional se esperam associações significativas entre elas, uma vez que as escalas representam fatores de

risco/vulnerabilidade ou de proteção/resiliência para variáveis da conduta (Laub & Costello, 2020).

Ainda, destaca-se que serão analisados dados referentes somente a adolescentes do sexo masculino, porque, dadas as diferenças que os sexos apresentam em relação a padrões de comportamento antissocial e delituoso (Bright, et. al, 2017) considera-se mais pertinente planejar estudos em separado, podendo valer-se de literatura específica, com evidências obtidas para cada sexo (Cernkovich, Lanctôt, & Giordano, 2008).

Método

Este estudo possui um delineamento de corte transversal e é de natureza correlacional. Conforme recomenda a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, o projeto de pesquisa foi encaminhado à análise do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da faculdade à qual a pesquisa está vinculada e teve início mediante aprovação do referido comitê (CAAE 37214214.1.0000.5407).

Participantes

Participaram 836 estudantes do sexo masculino, com idades entre 11 e 18 anos ($M = 14,4$; $DP = 2,1$), sendo 658 (79%) de escolas públicas e 178 (21%) de escolas privadas do município de Ribeirão Preto – SP, Juiz de Fora – MG e Uberaba – MG, proporção semelhante à realidade brasileira (IBGE, 2015). Em relação à classe socioeconômica, segundo o Critério de Classificação Socioeconômica Brasil (ABEP, 2014), obteve-se a seguinte distribuição: A1 (3%), A2 (20%), B1 (20%), B2 (29%), C1 (13%), C2 (3%), D (1%) e E (1%).

Instrumento

Questionário sobre Comportamentos Juvenis (QCJ; Castro et al., 2010) é um instrumento de autopreenchimento, que também pode ser aplicado por meio de entrevista no caso de participantes com dificuldades de leitura. É composto por 56 questões com 264 subitens e seu tempo médio de aplicação é de aproximadamente 40 minutos. As questões do QCJ correspondem aos domínios Pessoal (P), Familiar (F),

Escolar (E), Rotina e Pares (R&P) e Comunidade e Apoio Social (C&AS). Estes domínios abordam fatores de vulnerabilidade, de risco, de proteção e de promoção em relação ao comportamento divergente e/ou delituoso, sendo que cada item é pontuado dicotomicamente, considerando-se ausente (0; sem o referido risco ou a referida proteção) ou presente (1; com o referido risco ou a referida proteção).

Neste estudo, utilizou-se a versão adequada ao contexto brasileiro por Komatsu (2014), a partir da versão utilizada em Portugal no âmbito do projeto Observatório da Delinquência Juvenil (Castro et al., 2010). A estrutura fatorial desta versão não foi investigada. As informações obtidas por meio do instrumento original foram analisadas somente de forma descritiva.

Os itens do QCJ relacionados aos fatores explanatórios foram analisados e agrupados em diferentes construtos/escalas a partir do julgamento de juízes (Komatsu, 2014). As análises subsequentes mostraram que as escalas foram capazes de distinguir adolescentes com diferentes níveis de engajamento infracional a partir do autorrelato dos comportamentos delituosos, de modo que os grupos com piores médias nas subescalas eram os mesmos com nível de engajamento infracional mais elevado (Komatsu, 2014; Komatsu & Bazon, 2017a, 2017b). Posteriormente, alguns itens foram adicionados ao QCJ e algumas escalas foram reformuladas e outras foram criadas, resultando em um instrumento com 23 escalas divididas nos domínios Pessoal (5), Familiar (3), Escolar (7), Rotina e Pares (3) e Comunidade e Apoio Social (5), detalhadamente descritas por Komatsu (2017).

Procedimento de Coleta de Dados

Os dados utilizados são provenientes do banco de dados pertencente ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento e Intervenção Psicossocial (GEPDIP), com autorização do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo – FFCLRP – USP. A coleta dos dados que compuseram este banco ocorreu por meio de aplicação do QCJ em grupo, em escolas das redes pública e privada de ensino das cidades de Ribeirão Preto (SP), Juiz de Fora (MG) e Uberaba (MG) durante o ano de 2015.

Procedimento de Análise de Dados

Para obter medida da consistência interna de cada escala/construto, foi calculado o Alfa de Cronbach (Cronbach, 1951), para cada uma delas. Valores de alfa acima de 0,60 são considerados aceitáveis (Ghazali, 2008) e, acima de 0,70, considerados bons (Gignac & Szodorai, 2016).

Para aferir a validade, foi calculada a correlação (Benesty, Chen, Huang & Cohen, 2009) entre os construtos pertencentes ao mesmo domínio, pois uma vez que os construtos estariam subjacentes ao mesmo traço latente, espera-se que eles tenham correlação significativa entre si. Ainda, foram calculados também os coeficientes Correlação de Pearson entre as escalas e o número de problemas de comportamento relatos no QCJ em relação ao uso de Álcool e Drogas e o número de Delitos relatados pelos participantes, pois uma vez que as escalas avaliam fatores de risco e de proteção para problemas de comportamento externalizantes, espera-se que estes possuam correlação significativa com as medidas desses comportamentos. Para interpretação dos coeficientes de correlação, além da avaliação dos coeficientes cuja correlação foi significativa, considerou-se que valores entre 0,10 e 0,39 descrevem uma correlação de força fraca; entre 0,40 e 0,69 de força moderada e, acima de 0,70, forte e muito forte, segundo Schober, Boer e Schwarte (2018).

Resultados

A tabela 1 apresenta o alfa de Cronbach de cada escala e o coeficiente de correlação de Pearson entre as escalas dentro do mesmo domínio: Pessoal (P), Familiar (F), Escolar (E), Rotina e Pares (R&P) e Comunidade e Apoio Social (C&AS). Os alfas das escalas Bom Desempenho Acadêmico e Atraso Escolar não foram calculados porque essas escalas são compostas por um único item, o que as limitou apenas às análises de correlação com as demais escalas pertencentes ao domínio Escolar.

Tabela 1 Alfa De Cronbach Das Escalas e Coeficiente De Correlação Entre As Escalas Do Mesmo Domínio

Escalas	Correlação Intradomínio								
	Itens	Alfa	1.	2.	3.	4.	5.	6.	
1. Impulsividade (P)	5	0,63	1						
2. Valores Antissociais (P)	4	0,89	0,17**	1					
3. Atitude Violenta (P)	8	0,69	0,33**	0,29**	1				
4. Oposição a Figuras de Autoridade (P)	3	0,60	0,43**	0,21**	0,36**	1			
5. Problemas com a Polícia e a Justiça (P)	2	0,38	0,18**	0,25**	0,27**	0,22**	1		
1. Apego Parental (F)	4	0,57	1						
2. Investimento Familiar (F)	2	0,22	0,29**	1					
3. Supervisão Parental (F)	5	0,19	0,19**	0,28**	1				
1. Escola Desorganizada (E)	5	0,78	1						
2. Situações de Estresse em Contexto Escolar (E)	11	0,33	0,28**	1					
3. Vínculo Escolar (E)	2	0,50	0,22**	0,11**	1				
4. Valores Positivos frente à Escola e aos Estudos (E)	3	0,59	-0,06	-0,01	0,17**	1			
5. Bom Desempenho Acadêmico (E)	1	-	-0,01	-0,03	0,02	0,13**	1		
6. Problemas de Comportamento na Escola (E)	5	0,62	0,15**	0,14**	0,13**	0,15**	-0,05	1	
7. Atraso Escolar (E)	1	-	0,16**	0,01	0,13**	-0,05	0,10**	0,16*	1
1. Rotina Desestruturada (R&P)	7	0,68	1						
2. Atividades Prossociais (R&P)	4	0,23	0,13**	1					
3. Pares Infratores (R&P)	13	0,83	0,14**	-0,06	1				
1. Bairro Deteriorado (C&AS)	3	0,38	1						
2. Percepção de Violência no Bairro (C&AS)	5	0,65	0,54**	1					
3. Controle Formal (C&AS)	2	0,68	0,24**	0,20**	1				
4. Controle Informal (C&AS)	2	0,66	0,17**	0,11**	0,42**	1			
5. Apoio Social (C&AS)	3	0,75	0,15**	0,11**	0,13**	0,11**	1		

Nota: (P) = Domínio Pessoal; (F) = Domínio Familiar; (E) = Domínio Escolar; (R&P) = Domínio de Rotina e Pares e (C&AS) = Domínio de Comunidade e Apoio Social;

As análises de precisão mostraram que quatro escalas (19%), sendo uma do domínio Pessoal (Valores Antissociais), uma do domínio Escolar (Escola Desorganizada), uma do domínio Rotina e Pares (Pares Infratores) e uma do domínio Comunitário e Apoio Social (Apoio Social), apresentaram alfas acima de 0,70, valor considerado bom (Gignac & Szodorai, 2016). Outras oito escalas (38%), três pertencentes ao domínio Pessoal (Impulsividade, Atitude Violenta e Oposição a Figuras de Autoridade), uma ao domínio Escolar (Problemas de Comportamento em Contexto Escolar), uma ao domínio Rotina e Pares (Rotina Desestruturada) e três ao domínio

Comunitário (Percepção de Violência no Bairro, Constrangimento Formal e Constrangimento Informal), apresentaram alfas entre 0,60 e 0,70, valores considerados razoáveis. E as 9 escalas restantes (43%), uma pertencente ao domínio Pessoal (Problemas com a Polícia e a Justiça), três ao domínio Familiar (Apoio Parental, Investimento Familiar e Supervisão Parental), três ao domínio Escolar (Situações de Estresse em Contexto Escolar, Vínculo Escolar e Valores Positivos frente à Escola e Estudos), uma ao domínio Rotina e Pares (Atividades Prossociais) e uma ao domínio Comunitário (Bairro Deteriorado), apresentaram alfas abaixo de 0,60, valores considerados ruins (Ghazali, 2008).

Em relação à correlação intradomínio, os resultados mostraram que todas as escalas do espectro Pessoal, Familiar e Comunitário e Apoio Social estiveram significativamente correlacionadas entre si, com magnitude variando de fraca ($\alpha = 0,1$) a moderada ($\alpha = 0,54$). A tabela 2 mostra as médias e medianas de cada escala juntamente com os coeficientes de correlação entre as escalas do QCJ e as variáveis de uso de substâncias e de engajamento infracional (idade do primeiro delito, diversidade de delitos ao longo da vida, frequência de delitos nos últimos 12 meses e presença de delitos de natureza violenta (violência interpessoal)).

Tabela 2. Coeficiente De Correlação Entre As Escalas e As Variáveis De Uso De Substância e De Engajamento Infracional

Escala	M	D	Md	Álcool	Drogas	Idade	Diversidad e	Frequênci a	Violênci a
Impulsividade (P)	1,8	1,4	2	0,17**	0,18**	0,01	0,24**	0,22**	0,13**
Valores Antissociais (P)	1,6	1,9	1	0,21**	0,19**	-0,02	0,31**	0,31**	0,16**
Atitude Violenta (P)	1,5	1,1	1	0,17**	0,23**	0,04	0,29**	0,25**	0,17**
Oposição a Figuras de Autoridade (P)	1,1	1,0	1	0,13**	0,14**	-0,04	0,24**	0,21**	0,11**
Problemas com a Polícia e a Justiça (P)	0,3	1,0	0	0,19**	0,31**	0,05	0,31**	0,30**	0,22**
Apego Parental (F)	3,4	0,9	4	-	-	-0,02	-0,18**	-0,17**	-0,10**
Investimento Familiar (F)	0,9	0,7	1	-	-	-0,04	-0,10**	-0,03	-0,01
Supervisão Parental (F)	3,3	1,3	3	-	-	-	-	-	-
Supervisão Parental (F)	3,3	1,1	3	-0,04	0,12**	0,12*	-0,13**	-0,12**	-0,11**
Escola Desorganizada (E)	1,9	1,6	2	0,16**	0,08*	-0,09	0,16**	0,14**	0,04
Situações de Estresse em Contexto Escolar (E)	1,9	1,1	2	0,07*	-0,02	0,18**	0,14**	0,13**	0,08*
Vínculo Escolar (E)	1,6	0,6	2	-	-	-	-	-	-
Valores Positivos frente à Escola e aos Estudos (E)	2,4	0,7	3	0,13**	0,09**	-0,03	-0,15**	-0,15**	-0,16**
Bom Desempenho Acadêmico (E)	0,4	0,7	0	-	-	-	-	-	-
Bom Desempenho Acadêmico (E)	0,2	0,4	0	-0,04	0,09**	-0,06	-0,04	-0,02	0,04
Problemas de Comportamento na Escola (E)	2,8	1,3	3	0,38**	0,30**	0,10*	0,43**	0,38**	0,21**
Atraso Escolar (E)	0,4	1,0	0	0,18**	0,16**	0,13*	0,14**	0,12**	0,13**
Rotina Desestruturada (R&P)	1,5	1,4	1	0,34**	0,37**	0,06	0,38**	0,35**	0,22**
Atividades Prossociais (R&P)	1,3	0,8	1	-0,03	-0,03	-0,01	0,05	0,05	0,04
Pares Infratores (R&P)	2,4	3,2	1	-0,02	-0,03	-0,10*	0,05	0,02	0,00
Bairro Deteriorado (C&AS)	0,9	0,9	1	0,08*	0,07*	-0,05	0,10**	0,12**	0,08*
Percepção de Violência no Bairro (C&AS)	1,9	1,4	2	0,07*	-0,02	-0,07	0,09**	0,10**	0,06
Controle Formal (C&AS)	1,1	0,8	1	-0,05	-0,04	-0,04	-0,03	-0,01	-0,03
Controle Informal (C&AS)	1,0	0,8	1	-0,03	-0,05	0,02	-0,06	-0,02	-0,03
Apoio Social (C&AS)	2,4	0,9	3	-0,06	-0,08*	0,01	-0,09**	-0,06	-0,01

Nota: (P) = Domínio Pessoal; (F) = Domínio Familiar; (E) = Domínio Escolar; (R&P) = Domínio de Rotina e Pares e (C&AS) = Domínio de Comunidade e Apoio Social; M = média; DP = desvio padrão; Mdn = mediana

Discussão

Com relação a consistência interna de cada escala/construto, reitera-se que 57% das escalas do instrumento apresentaram valores de alfa considerados bons ou aceitáveis. Das nove escalas (43%) restantes do QCJ que tiveram índices abaixo do esperado, cinco possuem entre 2 e 3 itens, duas possuem 4 itens e apenas duas possuem 5 ou mais itens. Sabe-se que valores de alfa baixos podem ser devido ao número reduzido de itens, à baixa correlação entre os itens pertencentes à mesma escala ou ao fato de os itens pertencerem a construtos diferentes (Tavakol & Dennick, 2011).

Dessa forma, pode-se especular que os valores de alfa de mais da metade dessas escalas poderiam aumentar inserindo-se novos itens que contemplem o mesmo construto. Presume-se também que boa parte dos valores baixos são devido à baixa correlação entre os itens e não porque eles representem constructos diferentes (Taber, 2017), ainda que o conjunto dos itens remeta a um mesmo domínio. Por exemplo, a escala Situação de Estresse em Contexto Escolar, composta por 11 itens e cujo alfa foi de 0,33, possui questões como “Já me furtaram [na escola]”, “Já me bateram [na escola]” e “Já me zuraram por causa da minha cor [na escola]”. Embora estas questões se refiram a situações de estresse na escola (mesmo construto), uma não implica a outra, podendo haver baixa intra correlação na escala.

Sendo assim, presume-se que os alfas abaixo do esperado foram afetados pelo número reduzido de itens em algumas escalas e pelo fato dos itens possuírem baixa correlação uns com os outros (Tavakol & Dennick, 2011), mas não por remeterem a domínios diferentes. Essa questão pode ser abordada por estudos futuros por meio de concordância entre juízes, e por outros aspectos de precisão, como a estabilidade no tempo (método teste-reteste) (Meyer, 2010).

Referente as correlações intradomínio, as correlações verificadas entre as escalas do espectro Pessoal, Familiar e Comunitário e Apoio Social sugerem que as escalas desses domínios subjazem ao mesmo traço latente. Com relação aos outros domínios, o Escolar especificamente, a maioria das escalas também estiveram significativamente correlacionadas umas às outras, indicando que as escalas desse domínio funcionam de modo relativamente sistêmico, com influências recíprocas, conforme apontam Vazsonyi e Pickering (2003). Contudo, focalizando as correlações não significativas, é importante notar o fato da percepção de desorganização escolar não se correlacionar com o os

Valores Positivos frente à Escola e aos Estudos nem com o Desempenho Acadêmico. Características do ambiente escolar e a organização da instituição de ensino são fatores importantes para a formação e estabelecimento de vínculo do aluno com a escola, que por sua vez impacta na formação dos valores e no desempenho acadêmico do mesmo (Wang & Holcombe, 2010). Sendo assim, era esperado que fosse detectado uma relação significativa entre essas variáveis.

Em relação aos Valores no domínio escolar, pode-se especular que outros aspectos da escola e mesmo fora dela (como ambiente familiar), tenham pesos maiores na formação do vínculo aluno-escola do que a organização escolar (Rocque et al, 2017). E referente ao Desempenho Acadêmico, uma possível explicação é que este foi uma medida de autoavaliação em relação aos amigos (abaixo, igual ou acima da maioria), o que pode não representar a realidade uma vez que muitos tendem a se colocar na média quando estão um pouco abaixo dela. Essa questão pode ser resolvida se a percepção de desorganização escolar for correlacionada com os registros oficiais das avaliações escolares.

No domínio da Rotina e dos Pares, apenas as escalas Pares Infratores e Atividades Prossociais não apresentam evidências de serem correlacionadas entre si. Em concordância com achados dos estudos de Weerman, Wilcox e Sullivan (2017), esse resultado sugere que o envolvimento em atividades prossociais não impede a associação a pares infratores. Na mesma direção, a associação significativa entre Atividades Prossociais e Rotina Desorganizada mostra que essas atividades de rotina, de natureza aparentemente antagônicas, podem coexistir, distribuídas de alguma maneira nas vinte e quatro horas do dia do adolescente. Ainda, por fim, destaca-se que as escalas com dois itens apresentaram correlações intradomínio de força satisfatória, o que justifica os seus usos. No entanto, deve-se ter em conta que a quantidade de itens é um limite da escala para interpretação de seus resultados e é um aspecto que pode ser levado em conta em futuros estudos, visando o aperfeiçoamento das escalas.

Referente aos resultados de correlação entre as escalas do QCJ e as variáveis de engajamento infracional, ressalta-se que eram esperadas correlações significativas entre elas (Laub & Costello, 2020). Nesse sentido, destacam-se as correlações positivas significativas entre todas as escalas do domínio Pessoal (Impulsividade, Valores Antissociais, Atitude Violenta, Oposição a Figuras de Autoridade e Problemas com a

Polícia e a Justiça) e as variáveis comportamentais de uso de álcool, uso de drogas ilícitas e de delitos (Wolff et al, 2020), com exceção apenas da variável Idade em que cometeu o primeiro delito, que não se correlacionou com nenhuma escala.

Esperava-se que a idade do primeiro delito se correlacionasse negativamente com todas as escalas do domínio Pessoal, as quais são fatores de risco ou de vulnerabilidade para o engajamento infracional (Le Blanc, 2002). Em estudo brasileiro no qual foi utilizado o QCJ junto a adolescentes escolares e em conflito com a lei, aqueles com maior engajamento infracional e, portanto, com idade do primeiro delito mais precoce que os demais, apresentaram maiores níveis nessas escalas (Komatsu & Bazon, 2017a; 2017b). Contudo, nas comparações entre os grupos com engajamento infracional menor, essas diferenças não foram encontradas. Dessa maneira, é possível supor que os adolescentes do presente estudo, recrutados em meio a população escolar, assemelhem-se mais a esses grupos com menor engajamento infracional. E apesar de, probabilisticamente, haver indivíduos com alto engajamento infracional em meio à população escolar, essas pontuações podem se diluir em meio às centenas de outros adolescentes que podem, por diferentes determinantes, pontuar alto ou baixo nos construtos avaliados sem necessariamente envolverem-se com atividades delituosas. E essa explicação pode se estender às outras 18 (78%) vezes em que a Idade do primeiro delito não se correlacionou com as escalas.

Em relação ao domínio Familiar, a escala Apego Familiar correlacionou-se negativamente com todas as variáveis comportamentais, com exceção da Idade do primeiro delito, indicando ser uma escala com boa capacidade de mensurar aspectos positivos na relação do adolescente com sua família, que são protetivas ao envolvimento em atividades antissociais (Theobald et al., 2019). Já o Investimento Familiar apresentou correlação negativa com uso de substâncias e diversidade de delitos, mas não com a idade do primeiro delito, frequência de delitos cometidos no último ano e com presença de violência. E, por último, a Supervisão Parental foi a que mais consistentemente se correlacionou com as variáveis comportamentais, sendo uma das poucas escalas de todo o instrumento que correlacionou-se até com a idade do primeiro delito, ou seja, quanto maior a supervisão, menos precocemente os adolescentes cometem delitos. Além disso, a Supervisão Parental também pode atuar como fator protetivo para uso de drogas e envolvimento em atividades delituosas, dado a correlação

negativas entre a escalas e essas variáveis, em concordância com a literatura (Theobald et al., 2019).

No domínio Escolar, as escalas também se correlacionaram na direção esperada, isto é, construtos que remetem a fatores protetivos se correlacionaram-se negativamente e construtos que remetem a fatores de risco se correlacionaram positivamente com as variáveis comportamentais. No entanto, destaca-se o não relacionamento entre o Bom Desempenho Acadêmico e as demais variáveis, o que não era esperado devido aos indicativos recorrentes na literatura apontando uma relação entre desempenho acadêmico e problemas de comportamento (Choi, 2007; Kremer, Flower, Huang, & Vaughn, 2016; Malinauskiene, Vosylis, & Zukauskiene, 2011). Diferente de todas as demais escalas, o Bom Desempenho Acadêmico é uma autoavaliação que requer uma percepção acurada de si mesmo e também dos outros, uma vez que o adolescente avalia o próprio desempenho comparando ao dos pares. Assim, além das situações em que os alunos superestimam o próprio rendimento, há possíveis vieses de comparação resultando da imprecisão da informação que cada um tem sobre a média geral da sua turma. Nesse sentido, a percepção do professor ou os boletins escolares são medidas mais válidas para o desempenho acadêmico.

As escalas do domínio Rotina e Pares foram as que menos se correlacionaram com as variáveis comportamentais. Apenas a Rotina Desestruturada correlacionou-se positivamente com elas, conforme esperado. Já as Atividades Prossociais não se correlacionaram com nenhuma, indicando que o envolvimento em atividades consideradas positivas, como praticar esportes, tocar em um grupo musical, trabalhar ou praticar religião não garante que o adolescente não vai se envolver com atividades divergentes e delituosas. Resultados nessa direção também foram encontrados por Pinheiro, Andrade e De Micheli (2017).

A escala de associação a Pares Infratores correlacionou-se apenas à Idade do primeiro delito, indicando que quanto maior a associação, mais precoce é o primeiro delito. Mas o não relacionamento dessa escala ao consumo de substâncias nem à diversidade e frequência de delitos foi inesperado, uma vez que diferentes estudos de revisão e metanálise indicam este como um dos fatores mais preponderantes para o engajamento infracional (Andrews & Bonta, 2010). Komatsu (2014), que utilizou o mesmo instrumento, classificou adolescentes de acordo com o nível de engajamento

deles em cinco clusters e os comparou, identificando que o cluster com engajamento mais elevado associa-se a mais pares que os demais clusters. A explicação mais plausível para o resultado aqui apresentado é que esta relação não é linear, mas talvez algo aproximado de uma função exponencial, no sentido de que a maioria dos adolescentes possuem um ou alguns amigos infratores, o que não é suficiente para diferenciá-los, mas quando o adolescente está bastante envolvido em atividades delituosas, o número de pares infratores aumenta drasticamente.

Por fim, em relação ao domínio Comunitário e de Apoio Social destacam-se as associações positivas entre Bairro Deteriorado e uso de substâncias e cometimento de delitos; entre Percepção de Violência no Bairro e uso de álcool e cometimento de delitos; e a associação negativa entre Apoio Social e uso de drogas e diversidade de delitos. No mais, o tipo de controle existente no bairro – formal ou informal – não apresentou relação com nenhuma das medidas comportamentais. A presença de controle formal intenso, isto é, quando agentes de controle formal como a polícia precisa atuar na comunidade para manter a ordem, geralmente associa-se à presença de maiores taxas de criminalidade e violência (Le Blanc, 1997). Em contrapartida, a presença de controle informal, quando os adultos da vizinhança conseguem sozinhos manter a ordem, é um indicativo de convívio mais harmônico (Le Blanc, 1997). Dessa forma, essas medidas não estão relacionadas diretamente com a prática de atos divergentes ou delituosos, mas sim às características de funcionamento do coletivo comunitário, conforme detectado nas relações positivas dessas escalas e as demais escalas do mesmo domínio.

Considerações Finais

O presente estudo apresentou parâmetros de precisão e validade do Questionário sobre Comportamentos Juvenis, um instrumento aplicado à importante tarefa de conhecer e compreender múltiplas esferas da vida do adolescente. Por um lado, um dos méritos do estudo foi ter captado uma grande amostra de adolescentes estratificados em escolas públicas e privadas em proporção semelhante à população brasileira e com seguimentos de todas as classes socioeconômicas. Por outro lado, considera-se que uma limitação do presente estudo é não contar com uma coleta de dados mais ampla, que compreenda outros instrumentos que possam atuar como critério externo e oferecer mais possibilidades para investigação das propriedades psicométricas do instrumento

(Taylor, 2013). Por isso, defende-se que estudos futuros podem contribuir ao aperfeiçoamento desta ferramenta e de suas escalas, por meio de uma coleta de dados mais ampla, visando a obtenção de novas evidências de precisão e de validade do QCJ. É fundamental também investigar o ajuste desse Questionário a população de adolescentes do sexo feminino, em estudo específico.

Apesar de muitas escalas terem apresentado baixos alfas de Cronbach, as evidências de validade obtidas foram satisfatórias, uma vez que a maioria das escalas mantém correlações significativas com as variáveis de comportamentos antissociais e delituosos. Ainda, embora a significância seja importante, é a magnitude das correlações que, de fato, fomentam a validade. Neste sentido, tem-se que as correlações intradomínio mais fortes são identificadas para os domínios Pessoal e Familiar. Da mesma forma, as correlações mais fortes entre as escalas e as variáveis de uso de substância e de engajamento infracional foram encontradas para a variável de diversidade de delitos já cometidos ao longo da vida (Schober, Boer & Schwarte, 2018). Estes resultados indicam as forças do QCJ.

Em resumo, conclui-se que o instrumento pode ser útil para rastrear problemas em domínios relacionados a comportamentos divergentes e delituosos em populações escolares e também para avaliar adolescentes de forma individual - tendo como parâmetro de comparação as medidas centrais apresentadas na tabela 2. Considera-se que dispor de instrumentos de avaliação ajustados, em termos psicométricos e teóricos, dispõe-se também de maior suporte para rastreamento das necessidades dos adolescentes e, assim, a elaboração de políticas públicas direcionadas à prevenção/intervenção dos problemas que atingem a população juvenil (INSPIRE, 2018).

Referências

- Andrews, D. A., & Bonta, J. (2010). *The psychology of criminal conduct*. New Providence: LexisNexis - trademark of Reed Elsevier.
- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa - ABEP. Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. (2014). Critérios de classificação econômica 2014. Recuperado de: <http://abep.org/Servicos/Download.aspx?id=01> Em: 10 outubro 2017.

- Benesty, J., Chen, J., Huang, Y., & Cohen, I. (2009). Pearson correlation coefficient. In *Noise reduction in speech processing* (pp. 1-4). Springer, Berlin, Heidelberg.
- Bright, C. L., Sacco, P., Kolivoski, K. M., Stapleton, L. M., Jun, H. J., & Morris-Compton, D. (2017). Gender Differences in Patterns of Substance Use and Delinquency: A Latent Transition Analysis. *Journal of Child & Adolescent Substance Abuse*, 26(2), 162–173. doi: 10.1080/1067828X.2016.1242100
- Castro, J., Cardoso, C., & Agra, C. (2010). Projecto: Observatório da Delinquência Juvenil. Relatório Final. Escola de Criminologia, Faculdade de Direito da Universidade do Porto. Relatório Final.
- Cernkovich, S. A., Lanctôt, N., & Giordano, P. C. (2008). Predicting adolescent and adult antisocial behavior among adjudicated delinquent females. *Crime & delinquency*, 54, 3-33. Doi: 10.1177/0011128706294395
- Cicchetti, D. (2006). Development and Psychopathology. In D. Cicchetti & D. Cohen (Eds.), *Developmental psychopathology: theory and method* (2nd ed., vol. 1, pp. 1-23). New York: Wiley.
- Choi, Y. (2007). Academic Achievement and Problem Behaviors among Asian Pacific Islander American Adolescents. *Journal of Youth Adolescence*, 36(4): 403–415. Doi: 10.1007/s10964-006-9152-4
- Cronbach, L. J. (1951). Coefficient alpha and the internal structure of tests. *Psychometrika*, 16(3), 297-334.
- Farrington, D. P., Coid, J. W., Harnett, L., Jolliffe, D., & Soteriou, N., Turner, R. & West, D. J. (2006). *Criminal careers up to age 50 and life success up to age 48: new findings from the Cambridge Study in Delinquent Development*, 299 Gr. Brit. Home Off. Res. Dev. & Stat. Directorate 1, 4-5
- Formiga, N. S., & Gouveia, V. V. (2003). Adaptação e validação da escala de condutas anti-sociais e delitivas ao contexto brasileiro. *Psico (Porto Alegre)*, 34(2):367-388.
- Ghazali, D. (2008). Kesahan dan kebolehpercayaan dalam kajian kuantitatif dan kualitatif. *Jurnal Institut Perguruan Islam*, 61-82.
- Gignac, G. E., & Szodorai, E. T. (2016). Effect size guidelines for individual differences researchers. *Personality and Individual Differences*, 102, 74-78.

- Herlitz, L., Hough, M., McVie, S., & Murray, K. (2016). International Self-Report Delinquency Study (ISRD3), England and Scotland, Technical report. Doi: [10.13140/RG.2.1.3692.9521](https://doi.org/10.13140/RG.2.1.3692.9521)
- Hirschi, T. (1986). On the compatibility of rational choice and social control theories of crime. *The reasoning criminal: Rational choice perspectives on offending*, 105-118.
- Hoge, R. D. (1999). *An expanded role for psychological assessments in juvenile justice systems*. *Criminal Justice and Behavior*, 26, 251-266
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE. (2015). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD): Síntese de Indicadores de 2014*. Rio de Janeiro.
- ISRD2 Working Group (Ed.). (2005). *Questionnaire ISRD2: Standard Student Questionnaire*. Boston, Hamburg, Utrecht, Warsaw and Zurich: European Society of Criminology.
- Junger-tas, J., Marshall, I. H., Enzmann, D., Killias, M., Sketekee, M., & Gruszczynska, B. (2010). History and Design of the ISRD Studies. In: J. Junger-Tas et al. (eds.) *Juvenile Delinquency in Europe and Beyond*. Springer: Doi: 10.1007/978-0-387-95982-5_1
- Komatsu, A. V. (2014). *Comportamentos antissociais em adolescentes do sexo masculino: estudo exploratório na cidade de Ribeirão Preto - SP*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Komatsu, A. V., & Bazon, M. R. (2015). Caracterização de Adolescentes do Sexo Masculino em Relação a Comportamentos Antissociais. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 13 2, pp. 725-735. Doi: 10.11600/1692715x.13212210814
- Komatsu, A. V., & Bazon, M. R. (2017a). Personal differences among Brazilian adolescents with different levels of criminal engagement. *International Journal of Criminology & Sociology*, 6, 65-74. Doi: 10.6000/1929-4409.2017.06.07
- Komatsu, A. V., & Bazon, M. R. (2017b). Crime and Antisocial Behaviors in Male Adolescents: An Exploratory Study in the City of Ribeirão Preto, São Paulo Brazil. In E. Viano *Cybercrime, Organized Crime and Societal Responses: International Approaches*. Springer International Publishing Switzerland. Doi: 10.1007/978-3-319-44501-4_13

- Kremer, K. P., Flower, A., Huang, J., & Vaughn, M. G. (2016). Behavior problems and children's academic achievement: A test of growth-curve models with gender and racial differences. *Children and Youth Services Review*, 67, 95–104. Doi: 10.1016/j.chidyouth.2016.06.003
- Laub, J. H. & Costello, B. J. (2020) Social Control Theory: The Legacy of Travis Hirschi's Causes of Delinquency. *Annual Review of Criminology*, Vol. 3, pp. 21-41, 2020. Doi: 10.1146/annurev-criminol-011419-041527
- Le Blanc, M. (2002). The Offending Cycle, Escalation and De-escalation in Delinquent Behavior: A Challenge for Criminology. *International Journal of Comparative and Applied Criminal Justice*, 26 (1).
- Malinauskiene, O., Vosylis, R., & Zukauskiene, R. (2011). Longitudinal examination of relationships between problem behaviors and academic achievement in young adolescents. *Procedia Social and Behavioral Sciences*, 15, pp. 3415–3421. Doi: 10.1016/j.sbspro.2011.04.311
- Meyer, P. (2010) Reliability: Understanding Statistics. Nova Iorque. Ed. Oxford
- Nagin, D. S., & Odgers, C. L. (2010). Group-Based Trajectory Modeling (Nearly) Two Decades Later. *J Quant Criminol*. 2010 Dec; 26(4): 445–453. Doi: 10.1007/s10940-010-9113-7
- Organização Mundial de Saúde (OMS) et al. (2018) INSPIRE: Sete estratégias para pôr fim à violência contra crianças. São Paulo: Núcleo de Estudos da Violência.
- Pinheiro, B. O., Andrade, A. L. M., & De Micheli, D. (2017). Relação entre os níveis de atividade física e qualidade de vida no uso de drogas em adolescentes. *Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, 12(3), 178-187. Doi: 10.11606/issn.1806-6976.v12i3p178-187
- Piquero, A. R., Farrington, D. P., Nagin, D. S., & Moffitt, T. E. (2010). Trajectories of Offending and Their Relation to Life Failure in Late Middle Age: Findings from the Cambridge Study in Delinquent Development. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 47(2) 151 –173.
- Pollak, S. D. (2015). Developmental psychopathology: recent advances and future challenges. *World Psychiatry*, 14(3), 262–269. Doi: 10.1002/wps.20237
- Rocque, M., Jennings, W. G., Piquero, A. R., Ozkan, T., & Farrington, D. P. (2017). The importance of school attendance: Findings from the Cambridge study in

- delinquent development on the life-course effects of truancy. *Crime & Delinquency*, 63(5), 592-612.
- Salgado, F. (2017). *Comportamentos divergentes e delituosos em adolescents do sexo feminino e variáveis psicológicas e sociais associadas*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Sanders, R. A. (2013). Adolescent psychosocial, social, and cognitive development. *Pediatrics in Review*, 34(8), 354-8.
- Schober, P., Boer, C., & Schwarte, L. A. (2018). Correlation coefficients: appropriate use and interpretation. *Anesthesia & Analgesia*, 26(5), 1763-1768.
- Sweeten, G., Piquero, A. R. & Steinberg, L. (2013) Age and explanation of crime, revisited. *J Youth Adolescence*, 42:921–938. Doi: 10.1007/s10964-013-9926-4
- Taber, K. S. (2018). The use of Cronbach's alpha when developing and reporting research instruments in science education. *Research in Science Education*, 48(6), 1273-1296. Doi: 10.1007/s11165-016-9602-2
- Theobald, D., Farrington, D. P., & Piquero, A. R. (2019). The impact of changes in family situations on persistence and desistance from crime. In Farrington, D. P., Kazemian, L., & Piquero, A. R. (Eds.). *The Oxford Handbook of Developmental and Life-Course Criminology*. (p. 475-494). Oxford University Press.
- Thompson, R. A., Flood, M. F., & Goodvin, R. (2006). Social support and developmental psychopathology. In: D. Cicchetti & D. Cohen (org) *Developmental Psychopathology, Volume 3: Risk, Disorder, and Adaptation*, 2ed, Wiley: Hoboken, New Jersey.
- Vazsonyi, A. T., & Pickering, L. E. (2003). The Importance of Family and School Domains in Adolescent Deviance: African American and Caucasian Youth. *Journal of Youth and Adolescence*, 32(2), 115–128. Doi: 10.1023/A:1021857801554
- Visioli, M. M. M. R. (2017). *Comportamentos divergentes e delituosos autorrevelados em adolescentes do sexo masculino estudantes de escolas particulares*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

- Wang, M., & Holcombe, R. (2010). Adolescents' Perceptions of School Environment, Engagement, and Academic Achievement in Middle School. *American Educational Research Journal*, 47(3), 633 – 662. Doi: 10.3102/0002831209361209
- Weerman, F. M., Wilcox, P., & Sullivan, C. J. (2017). The Short-Term Dynamics of Peers and Delinquent Behavior: An Analysis of Bi-weekly Changes Within a High School Student Network. *Journal of Quantitative Criminology*, Doi: 10.1007/s10940-017-9340-2
- Wolff, K. T., Baglivio, M. T., Klein, H. J., Piquero, A. R., DeLisi, M., & Howell, J. C. (2020). Adverse childhood experiences (ACEs) and gang involvement among juvenile offenders: assessing the mediation effects of substance use and temperament deficits. *Youth violence and juvenile justice*, 18(1), 24-53. Doi: 10.1177/1541204019854799

Aceito em: 25/02/2020

Enviado em: 10/12/2020